O tom moderado da linguagem da Renamo dá a entender que as conversações de Arap Moi e Mugabe em Nairobi decorreram de modo satisfatório

O Diabo 19/12/89

A Frelimo ainda não percebeu que o comunismo está em derrocada?

Manter a recusa à formação de novos partidos foi a primeira reacção oficial do Partido único moçambicano — a Frelimo — às mudanças em curso no Leste Europeu, segundo um informador da Assembleia Popular, reunida em Maputo, a meio da semana passada.

Ao analisar a situação em Moçambique, a Frelimo terá concluído, de acordo com a mesma fonte, que a exigência de um regime pluripartidário *«não é sentida pelo povo moçambicano»* e que este *«continua a ver no partido Frelimo o caminho para defender a independência, consolidar a unidade nacional, garantir a integridade territorial e o progresso económico e social do país»*.

Por seu turno, a Renamo, ou Resistência Nacional Moçambicana, replicou nos seguintes termos àquela tomada de posição governamental:

«A Frelimo terá de reconhecer e de aceitar que se exige uma nova postura do seu governo, não só perante a dramática situação do país, como perante o que neste momento se passa no mundo comunista e na derrocada de tudo aquilo em que os seus elementos radicais se apoiavam ideologicamente.»

O tom moderado da linguagem que está a ser usada pelo movimento rebelde é de molde a fazer crer que as conversações entretanto realizadas em Nairobi entre os dois medianeiros designados para a guerra civil moçambicana — os presidentes **Daniel Arap Moi**, do Quénia, e **Robert Mugabe**, do Zimbabwe — encaminharam o conflito para uma solução conciliatória, embora a longo prazo. Um comunicado emitido em Nairobi pelo Ministério queniano dos Negócios Estrangeiros limitou-se a informar que os dois presidentes decidiram sobre os passos a serem dados para manter o ímpeto do processo de paz.

Entrevistado em Nairobi, o presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, disse que **Arap Moi** e **Mugabe** apoiavam conversações entre os governamentais e os rebeldes sem condições prévias. Esta declaração do líder da Renamo foi, porém, desmentida em Maputo.

As duas partes em luta procuram, evidentemente, assumir posições definidas. Os rebeldes, porém, não parecem dispostos a depor as armas enquanto não houver uma aceitação perfeitamente definida, por parte da Frelimo, no que se refere ao estabelecimento de um regime de liberdades cívicas: durante Outubro e Novembro, os guerrilheiros da Resistência actuaram não só no Sul de Moçambique como também em território do Zimbabwe. De acordo com uma informação publicada em Harare, capital do Zimram, durante este ano, atacaram por quarenta e quatro vezes, a área do *«Corredor da Beira»*, cuja defesa está especialmente confiada ao corpo expedicionário mandado combater em Moçambique pelo presidente **Robert Mugabe.**

O terminal do chamado «Corredor da Beira», área atacada quarenta e quatro vezes pelos guerrilheiros da Resistência Nacional Moçambicana durante o corrente ano